

PERFIS DE SAÚDE E DE MORTALIDADE NO BRASIL:  
UMA ANÁLISE DE SEUS CONDICIONANTES EM  
GRUPOS POPULACIONAIS ESPECÍFICOS



Organização Pan-Americana da Saúde  
Organização Mundial da Saúde

1ª edição - 2001

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

Organização Pan-Americana da Saúde - Opas/OMS  
Setor de Embaixadas Norte, Lote 19  
CEP 70800-400, Brasília/DF - Brasil  
www.opas.org.br

**Autor:**

Celso Cardoso da Silva Simões  
(Doutor em Demografia pelo Cedeplar/UFMG)

**Produção gráfica:**

Athalaia Bureau

**Capa e projeto gráfico:**

Cristhian Lira

**Tiragem:**

3000 exemplares

Impresso no Brasil/

Printed in Brazil

Athalaia Gráfica e Editora Ltda.

Ficha catalográfica elaborada pelo Centro de Documentação da Organização Pan-Americana da Saúde

Simões, Celso Cardoso da Silva.

Perfis de saúde e de mortalidade no Brasil: uma análise de seus condicionantes em grupos populacionais específicos / Celso Cardoso da Silva Simões. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2002. 141p. : il.

Inclui bibliografia e anexos.

ISBN: 85-87943-05-7

1. Saúde – Brasil 2. Mortalidade – Brasil. I. Título. II. Organização Pan-Americana da Saúde.

NLM: WA 100

PERFIS DE SAÚDE E DE MORTALIDADE NO BRASIL:  
UMA ANÁLISE DE SEUS CONDICIONANTES EM  
GRUPOS POPULACIONAIS ESPECÍFICOS

*Celso Cardoso da Silva Simões*  
*Doutor em Demografia pelo Cedeplar/UFMG*

*"A verdade é sempre a realidade interpretada".*

OSWALD DE ANDRADE

# RESUMO

**E**sta pesquisa enfoca as mudanças nas estruturas da mortalidade e de saúde durante a década de 90 no Brasil, grandes regiões e unidades da federação, segundo grupos etários específicos, constituídos pelas crianças, adultos-jovens e idosos.

No que diz respeito aos grupos infantis, enfatiza-se, inicialmente, a sua contribuição relativa nos ganhos da esperança de vida ao nascer, comparativamente às demais faixas etárias, no período de 1940 a 2000. O quadro delineado ao longo do estudo aponta os progressos obtidos na redução da mortalidade infantil no País, particularmente a partir de meados da década de 70, decorrentes de intervenções governamentais no âmbito das políticas públicas. É dada ênfase ao período 1990/2000 em razão dos compromissos assumidos pelo Brasil durante a Cúpula Mundial pela Infância, que previa decréscimos da mortalidade infantil, em cerca de um terço, até o final daquela década.

Em que pese os avanços alcançados no indicador e apesar de toda queda registrada, o Nordeste ainda apresenta os maiores níveis de mortalidade infantil, mantendo inclusive, em 2000, as mesmas diferenças existentes em 1990, em relação ao Sudeste e ao Sul do País. Enquanto a contribuição do declínio da mortalidade infantil nos ganhos de esperança de vida ao nascer foi expressiva no Sudeste, em todo o período analisado – particularmente durante a década de 80/91 –, somente a partir de 1980, esta contribuição passa a ser importante no Nordeste. Nessa década, parte do aumento da contribuição da queda dos óbitos infantis nos ganhos de esperança de vida resulta também do aumento das causas violentas que afetam, principalmente, os grupos etários de jovens e jovens-adultos do sexo masculino, com reflexos, inclusive, no aumento da sobremortalidade masculina.

A pesquisa evidenciou também o papel das variáveis sociais – por exemplo, educação da mãe, quintos de renda familiar per-capita e saneamento básico – como determinantes da mortalidade na infância.

A análise por causas de morte apontou reduções significativas nos óbitos devidos às doenças infectocontagiosas para a maioria das regiões brasileiras. Entretanto, essa causa continua tendo peso relevante na região Nordeste e seus estados, embora o componente perinatal seja a principal causa de óbitos. As doenças respiratórias também vêm sendo reduzidas. Por outro lado, têm aumentado as afecções perinatais, as quais estão associadas à qualidade do atendimento médico durante a gravidez, o parto e o nascimento da criança.

Em relação aos jovens-adultos, observou-se que uma proporção importante deste segmento populacional, do sexo masculino, morre por causas externas/violentas, particularmente aqueles que compõem a faixa etária entre 15 e 39 anos de idade. Essas mortes precoces ampliam o número de anos de vida perdidos, com repercussões na redução da esperança de vida ao nascer masculina. Tal fenômeno é mais freqüente nas regiões Sudeste e Nordeste e, entre as unidades da federação analisadas, no Distrito Federal, Rio de Janeiro, Pernambuco e São Paulo.

Assim, o estudo apontou algumas questões essenciais. Uma primeira relaciona-se aos grupos etários infantil e na infância, representados, respectivamente, pelos menores de um ano de idade e pelas crianças de um a quatro anos de idade. Esses grupos contribuíram de forma importante para o aumento na esperança de vida ao nascer, em decorrência das reduções de óbitos por causas evitáveis – como o saneamento e as infecções respiratórias –, com reflexos significativos na diminuição do número de anos de vida perdidos. Uma outra refere-se às causas violentas, incidentes sobre os jovens-adultos, que foram as principais responsáveis não só pelo aumento do número de anos de vida perdidos verificados durante a década de 1990, mas igualmente pelas contribuições negativas nos aumentos da esperança de vida ao nascer, principalmente naquelas áreas assinaladas.

Finalmente, na análise realizada em relação aos idosos, chamou-se a atenção sobre a importância, tanto absoluta quanto relativa, que este grupo vem adquirindo dentro da nova estrutura demográfica brasileira. Além disso, a sua esperança de vida também vem aumentando. São destacadas as causas circulatórias como as principais responsáveis pela morte na faixa etária idosa. Destacou-se, ainda, a necessidade de políticas públicas de qualidade, nas áreas de saúde e outras do contexto social, como elementos fundamentais para tornar mais saudável essa sobrevivida que vem sendo obtida.

# SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	15
3.	ANÁLISE DO PADRÃO ETÁRIO DA MORTALIDADE NO BRASIL	25
	3.1. Os ganhos de esperança de vida ao nascer no Brasil, Nordeste e Sudeste	28
	3.2. A contribuição das faixas etárias nos aumentos da esperança de vida ao nascer	30
	3.3. O padrão por idade e sexo da mortalidade no Brasil	47
4.	A MORTALIDADE INFANTIL NA DÉCADA DE 90 E ALGUNS CONDICIONANTES SOCIOECONÔMICOS	51
	4.1. A Mortalidade infantil na década de 90	53
	4.2. Taxas de mortalidade na infância por anos de estudo, quintos de renda e saneamento	61
	4.3. Taxas de mortalidade infantil segundo algumas causas de morte mais importantes	74
5.	AS MORTES POR VIOLÊNCIA DOS JOVENS BRASILEIROS	87
	5.1. Análise do número de anos de vida perdidos para o Brasil e grandes regiões	92
	5.2. A violência nos grupos etários jovens-adultos	104
6.	ANÁLISE DA INCIDÊNCIA DAS PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTE NO GRUPO DE IDOSOS	109
7.	CONCLUSÕES	119
8.	ANEXO I: DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO DA TÉCNICA DE POLLARD	123
9.	ANEXO II: DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO DA TÉCNICA DE ARRIAGA	129
10.	BIBLIOGRAFIA	137





1.

# INTRODUÇÃO



A estrutura da mortalidade que vem se conformando ao longo dos anos recentes no Brasil ocorre dentro do contexto de mudanças nos perfis de causas de morte, marcadas por uma diferenciação na incidência das principais causas entre as distintas faixas etárias. As causas relacionadas às enfermidades infecciosas e parasitárias, má nutrição e os problemas relacionados à saúde reprodutiva que, historicamente, afetavam a mortalidade infantil e de menores de cinco anos de idade vêm perdendo a sua predominância anterior, particularmente nas áreas mais desenvolvidas do centro-sul do País, e sendo substituídas pelas doenças não transmissíveis e pelas causas externas. É importante enfatizar que existe ainda um número grande de mortes que afetam sobretudo as regiões e setores mais desfavorecidos da sociedade brasileira – espaço nordestino –, passíveis de serem completamente evitadas na atualidade, via programas preventivos na área de saúde pública, mediante uma maior oferta dos serviços de saúde e de saneamento básico. Tais programas em muito contribuiriam para a redução dos índices de mortalidade infantil e na infância, ainda bastante elevados nessa região, principalmente nos estratos sociais mais carentes.

Por sua vez, as transformações na estrutura de causas de morte vêm afetando o padrão de mortalidade por idade da população brasileira, especialmente naquelas áreas onde o peso das causas externas é elevado, ao incidir de forma prioritária sobre as idades jovens-adultas (15 a 39 anos de idade) do sexo masculino, em paralelo ao declínio generalizado da mortalidade na infância. O aumento da mortalidade, naquelas faixas etárias do sexo masculino, se traduz no efeito negativo sobre a esperança de vida ao nascer ao reduzir os ganhos de anos de vida que vinham sendo obtidos, em função do declínio dos níveis de mortalidade infantil e na infância (menores de cinco anos de idade), além de acarretar um aumento nos diferenciais entre a mortalidade masculina e feminina (Simões, 1997).

Finalmente, some-se ainda a carga que têm adquirido, na estrutura da mortalidade, as causas relacionadas a problemas circulatórios e respiratórios e às neoplasias, que vêm incidindo nas faixas etárias mais idosas. Esse é um grupo (60 anos e mais de idade) que, em consequência do novo padrão demográfico brasileiro – decorrente dos profundos declínios observados nas taxas de fecundidade, principalmente a partir da década de 60 –, está tendo importância cada vez maior na composição geral da população, tanto em termos absolutos quanto relativos, associados, também, ao incremento na sua expectativa de vida.

---

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

